

## **A literatura na Educação Infantil e sua contribuição para a formação de leitores**

Vanessa Alves Franco Silva<sup>1</sup>

Rachel Freitas Pereira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a contribuição da literatura na formação de leitores na perspectiva de professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Jaguarão/ RS. Com esse intuito, através de uma pesquisa qualitativa foram realizadas entrevistas estruturadas com as professoras titulares das turmas do berçário, maternal e pré-escolar I a fim de perceber de que maneira exploram a literatura em seus cotidianos junto às crianças, e quais os possíveis benefícios que consideram a partir da inclusão da literatura no começo da vida escolar. Para fundamentar teoricamente esse trabalho utilizo os autores José Nicolau Gregorin Filho (2010), Fanny Abramovich (1995) e Regina Zilbermann (2003) por defenderem a importância da literatura na formação de leitores, sobretudo, na infância. Durante a execução desse trabalho, dialogando com os autores, pude constatar sobre o quanto a literatura é importante não só no processo de formação de leitores como no desenvolvimento cognitivo das crianças, na expressão, oralidade, e pensamento crítico.

**Palavras- chave:** Literatura. Educação Infantil. Professoras.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir la contribución de la literatura en la formación de lectores desde la perspectiva de los profesores de la Escuela Municipal de Educación Infantil Jaguarón / RS. A tal fin, a través de una investigación cualitativa se llevaron a cabo entrevistas estructuradas con los titulares de los maestros de las clases de cuarto de niños y me preescolar con el fin de entender cómo explotar la literatura en su vida diaria con los niños, y cuáles son los posibles beneficios considerar la inclusión de la literatura en el comienzo de la vida escolar. Para justificar teóricamente usar este trabajo los autores José Nicolau Gregorin Filho (2010), Fanny Abramovich (1995) y Regina Zilbermann (2003) para la defensa de la importancia de la literatura en la formación de lectores, especialmente en la infancia. Durante la ejecución de esta obra, discutiendo autores, pude ver sobre la cantidad de la literatura no sólo es importante en la formación de lectores como el desarrollo cognitivo de los niños en la expresión, la comunicación oral, y el pensamiento crítico.

**Palabras clave:** Literatura. Educación Infantil. Profesores.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Jaguarão-RS, e-mail: [vaf-silva@hotmail.com](mailto:vaf-silva@hotmail.com)

<sup>2</sup>Orientadora do TCC, docente do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/Jaguarão-RS, e-mail: [chelfp@hotmail.com](mailto:chelfp@hotmail.com)

## **Introdução**

*Áqueles que fazem da sala de aula*

*Um projeto de vida e,*

*da literatura,*

*um caminho para a construção*

*de uma sociedade melhor.*

(GREGORIN FILHO)

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a contribuição da literatura na formação de leitores na perspectiva de professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Jaguarão/ RS. Com esse intuito, através de uma pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas estruturadas com as professoras titulares das turmas do berçário, maternal e pré-escolar I a fim de perceber de que maneira exploram a literatura em seus cotidianos junto às crianças, e quais os possíveis benefícios que consideram a partir da inclusão da literatura no começo da vida escolar.

A motivação desta pesquisa surgiu a partir do grande gosto que tenho pela leitura. Sempre gostei dos livros e das bibliotecas, e acredito que foi graças à influência que tive em casa. Lembro-me da minha mãe e avós contando histórias, tanto orais quanto literárias. Havia também muita música na minha casa. Recordo-me do toca discos, aonde nas capas dos vinis tinha a letra das músicas para acompanharmos, o que despertava minha vontade de ler aquelas canções.

Minha mãe também encomendava de catálogos, muitas coleções de histórias infantis, e também sempre que passava por uma tabacaria comprava gibis. Lembro que trocava os livros que já havia lido em um sebo da cidade, pois tinha ansiedade por novas aventuras e descobertas, além de ser sócia na biblioteca pública e na biblioteca da escola.

Procuo transmitir esse mesmo interesse e paixão pela literatura para meu filho, sempre o incentivando a pegar livros na escola. Levo livros da universidade, e quando possível trago-o na universidade para que possa escolher e desfrutar do espaço mágico que é a biblioteca. E agora, que já saber ler, é ele quem me conta histórias, ao mesmo

tempo que ficamos bem entusiasmados para saber em qual aventura a história nos reportará. De acordo com Abramovich (1995)

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. É através de uma História que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (p.17).

Vivemos atualmente em mundo digital e bastante agitado, no qual as pessoas estão conectadas diariamente em aparelhos tecnológicos com diversas funções e aplicativos. Além disso, as várias jornadas que possuímos durante o dia, como por exemplo: zelar pela família, pelo lar, estudar, trabalhar, enfrentar engarrafamentos no trânsito, etc., acabaram tornando quase que impossível ter um tempo para dedicar-se a leitura, seja para si próprio quanto para os filhos. Nesse sentido, as crianças já nascem imersas nessa tecnologia e correria atual, não sendo incentivadas à prática da leitura. Em muitos casos, inclusive, percebemos que as crianças não possuem livros em casa, em virtude dos brinquedos eletrônicos e virtuais, os quais acabaram ganhando um maior espaço.

Segundo Gregorin Filho (2010) antes do século XVIII apenas as crianças da alta sociedade tinham acesso a livros de literatura infantil, enquanto os de classe baixa e popular não tinham, seu único contato era com a leitura oral mantida pela tradição de seu povo.

Podemos perceber que desde então houveram grandes avanços principalmente quando a criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura e passou a ser reconhecida como criança com suas especificidades.

Sendo assim, é importante ressaltar e afirmar a importância que tem a escola e o professor da Educação Infantil na influência da leitura às crianças, mostrando que ela pode ser realizada de forma prazerosa, e não apenas para fins pedagógicos o que acontecia muito em meados dos anos de 1950/1960.

Portanto, discutiremos ao longo do artigo a importância da literatura na formação de leitores na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil. Para dar conta de tal questão, apresentarei algumas discussões teóricas com relação a literatura infantil e a Educação Infantil. Para fundamentar teoricamente esse trabalho utilizo os autores José Nicolau Gregorin Filho (2010), Fanny Abramovich (1995) e Regina Zilbermann (2003) por defenderem a importância da literatura na formação de leitores, sobretudo, na infância.

Por fim, apresento os procedimentos metodológicos, e na continuação do artigo, as análises, e as considerações finais.

### **Breve história da literatura infantil e da Educação Infantil**

Com o intuito de compreendermos como a literatura infantil passou a ser considerada importante na Educação Infantil, faz-se necessário apresentarmos de forma breve alguns traços da história.

A literatura é arte, é fenômeno de criatividade que representa o mundo e a vida através da palavra, pela qual funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível e/ou impossível realização. É uma linguagem difícil e específica de ser definida com exatidão, uma vez que cada época compreendeu e produziu a seu modo (SCHEFFER, 2010).

No final do século XVII e durante o século XVIII é que surgiram as primeiras histórias infantis, quando foi lançada a obra do Francês Charles Perrault, na qual o mesmo recontou versões imortais como “A bela adormecida, Chapeuzinho Vermelho, A gata borralheira, O pequeno polegar, Gato de botas e etc., histórias contadas especialmente para as crianças da corte, narradas em finos versos e acompanhadas de uma moral.

No século XIX os contos dos irmãos Grimm passaram a tratar de narrativas de fundo popular. Seu objetivo era preservar o patrimônio literário tradicional do povo alemão e estar ao alcance de todos. Suas narrativas eram em prosa e numa linguagem próxima a coloquial, entre as mais conhecidas, estão: “A branca de neve e os sete anões, Os cisnes selvagens, João e Maria, Músicos de Bremen e Rumpelstiltskin”.

Entre 1835 e 1872 o dinamarquês Hans Christian Andersen criou histórias novas trazendo uma visão poética misturada com melancolia, algumas de suas obras principais foram “O soldadinho de chumbo, O patinho feio, A roupa nova do imperador, Polegarzinha” e outras tantas com animais e objetos dotados de saberes e sentimentos (FREIBERGER, 2010).

Os primeiros livros a serem publicados no Brasil foi no ano de 1800, um dos primeiros autores brasileiros a se preocupar em escrever obras para o público infantil foi Alberto Figueiredo Pimentel destacando-se “Histórias da carochinha e Histórias da Avozinha”, porém o grande alavanque no gênero infantil foi a de Monteiro Lobato no ano de 1921 com a obra intitulada de “Narizinho arrebitado”, na qual representava um apelo a imaginação, humor e graça.

Mais adiante surgiram outros autores de literatura infantil como Ziraldo em 1932, Fernanda Lopes de Almeida com “A fada que tinha ideias” em 1971, Eliardo França com “O rei de quase-tudo” em 1974, Ruth Rocha com “Marcelo, marmelo, martelo” em 1976, Ana Maria Machado com a obra “História meio ao contrário” em 1978, e o “Reizinho mandão” também em 1978.

Diante de tantas obras e estilos literários Zilbermam nos fala sobre a duplicidade da natureza da literatura infantil:

De um lado, percebida da óptica do adulto, desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico, por transmitir normas e envolver-se com sua formação moral; de outro, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que facilita a ordenação de experiências existenciais, pelo conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico (ZILBERMAN, p. 46, 2003).

Zilberman (2003) ainda aborda que o livro de literatura infantil desconhece fronteiras e temas específicos, podendo variar sua forma de escrita entre verso, prosa, novela ou conto, além de sair do meio real para o fantasioso e imaginário, e adicionar ilustrações.

Nesse sentido, foi na escola Moderna que surgiram as ideias de preparar as crianças para fazer parte da sociedade, e foi então que surgiu a literatura infantil como

gênero, para formar mentalidades e impor a ideologia proposta pela burguesia (SCHEFFER, 2010).

Começou, portanto, a discussão sobre a obrigatoriedade da escolaridade e o surgimento de alguns modelos educacionais. No entanto, essas discussões se intensificaram nos séculos XVIII e XIX ressaltando a importância da educação para o desenvolvimento social das crianças (OLIVEIRA, 2007). Nesse momento,

a criança passou a ser o centro do interesse educativo dos adultos: começou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados, situada em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos, o que tornava a escola (pelo menos para os que podiam frequentá-la) um instrumento fundamental. (OLIVEIRA, 2007, p. 62).

Com os avanços nas políticas públicas no país a Educação Infantil passou a fazer parte do processo de educação das crianças, e não apenas enquanto espaço de assistência. Segundo Pereira (2013)

Depois da promulgação da Constituição Federal de 1988, a garantia de atendimento às crianças com até seis anos, na rede pública e gratuita, tornou-se dever do Estado, assim como direito de todas as crianças brasileiras, facultativo às famílias. Outro documento legal que contribuiu para a efetivação da garantia das crianças à escola é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Segundo a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, art. 54, inciso IV: “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1990). Nesta década, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, também reafirma os preceitos da Constituição Federal e o estabelecimento do vínculo da educação de zero a seis anos com a Educação Básica, a qual tem como primeira etapa a Educação Infantil (título V, Capítulo II, Seção II, art. 29). (PEREIRA, 2013, p.1).

Nessa perspectiva, atualmente, temos a compreensão de que desde muito cedo a criança tem contato com o texto, mais especificamente com o texto oral. Logo ao nascer houve as primeiras palavras da mãe, depois os familiares e cuidadores lhes contam histórias, e escutam canções. Tudo é leitura, e está em todo o lugar, não necessariamente descrita em palavras, mas em sinais, pinturas e/ou reflexos. A todo o momento estamos lendo. Trata-se de um ato presente diariamente em nossas vidas, mas que muitas

peessoas não percebem o quanto estão realizando esse ato tão importante. Segundo Abramovich (1995)

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo [...] (ABRAMOVICH, 1995, p.16).

Diante das explanações podemos perceber o quanto a literatura infantil passou a influenciar a vida das crianças e adentrar a Educação Infantil, independente do objetivo a ser alcançado, fosse como instrumento pedagógico, ou para despertar o imaginário.

### **O papel da Educação Infantil no processo de letramento literário das crianças**

A Educação Infantil abrange um papel de suma importância no processo de letramento literário das crianças, pois muitas vezes o primeiro contato que terão com os livros de literatura será na escola através da hora do conto realizada pelas professoras.

Ao escolher uma história para contar às crianças vários são os fatores que influenciarão, tais como: qual a mensagem que a professora está querendo trabalhar, se deseja atingir um fim pedagógico, resolver algum conflito, inserir alguma temática específica, ou se prefere contar e recontar uma história preferida pela turma, simplesmente pelo prazer de ouvi-la.

Esse processo de contação de histórias surte efeitos nas crianças, muitas vezes não de imediato, mas a longo prazo, pois estimula sua capacidade de perceber o mundo e as coisas que as cercam de forma mais clara, permitindo que elas se expressem com mais criticidade. Sendo assim, faço menção às palavras de Gregorin (2010):

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade (GREGORIN FILHO, 2010, p.77-78).

Mesmo as crianças pequenas que ainda não conseguem decifrar os códigos da escrita lendo de maneira convencional, através do processo de escuta da leitura ela já está lendo, pois o ato de ouvir um texto é uma forma de ler (BRASIL, 1998). Isso quer dizer que a todo o momento e em qualquer lugar poderemos estar influenciando o processo de leitura. Chegará um momento em que elas próprias irão desejar pegar um livro em suas mãos e decifrá-lo sozinhas pelo prazer da leitura e pela vontade de querer aprender o que está escrito naquele objeto. Reforço minhas palavras citando Elias José (2007)

O livro infantil, que é oferecido para a criança ler, ou é lido para ela, caso não esteja alfabetizada ainda, é um brinquedo capaz de despertar o interesse pelas coisas sensíveis, criativas, inteligentes e belas. Através das histórias fictícias e da poesia, fazemos uma viagem de sonho e de puro encantamento. Aprendemos sem traumas, a lidar com os problemas diários. Conhecemos melhor a realidade que nos cerca. (JOSÉ, 2007, p.29).

Para que esse desejo pela leitura desperte nas crianças é necessário que tenhamos, enquanto professores, uma intencionalidade pedagógica ao planejar e propor momentos de leitura, tornando o espaço convidativo e agradável. É preciso permitir o contato com o livro, com as imagens, para que as crianças fiquem na expectativa e atentas a história. Nesse sentido, disponibilizar uma boa literatura é fornecer informações culturais para alimentar a imaginação e o gosto pela leitura (BRASIL, 1998).

É preciso que o professor ofereça aos alunos momentos com os livros para que as crianças manuseiem, fazendo pequenas bibliotecas trocando-a semanalmente de lugar para que agucem a curiosidade e não fique rotineiro, esconda livros em lugares inusitados, no meio de brinquedos, embaixo da cadeira, tudo para que o livro seja desejado por eles, se possível troque e/ou renove para que haja sempre uma nova história. Enfim, várias são as maneiras de tornar o ambiente da escola convidativo, basta o professor estar motivado e atento às necessidades das crianças, além de compreender o quanto a literatura é importante para o processo de formação dos futuros leitores. Sendo assim:

Entender o espaço escolar como aquele em que podem ser desenvolvidas as primeiras relações do indivíduo com a sociedade,



espaço responsável pelas primeiras lutas e pelas primeiras conquistas.  
(GREGORIN FILHO, 2010, p. 74)

Segundo textos do livro "Literatura na Educação Infantil: Acervos, Espaços e Mediações" (BRASIL, 2014) existem atualmente, de forma empírica, dados sobre os benefícios da leitura literária. Esses estudos apontam que as crianças que ouvem histórias e participam de conversas sobre os mesmos textos desenvolvem repertórios linguísticos mais extensos e variados, isso tanto em casa como na escola. Além disso há a ampliação no vocabulário, assim como de estruturas sintáticas complexas, e o desenvolvimento de diferentes habilidades de pensamento e oralidade, reproduzindo textos com características próprias da linguagem escrita.

Nos primeiros anos de escolaridade, estudos de diversas áreas também demonstram que crianças que participam de práticas alfabetizadoras com a literatura conseguem escrever textos mais longos e complexos (CARDOSO& SEPÚLVEDA, 2014). Nesse sentido, "o contato com a literatura pode oferecer às crianças, desde a mais tenra idade, o material simbólico inicial para que possam ir descobrindo não apenas quem elas são, mas também quem elas querem e podem ser. (CARDOSO& SEPÚLVEDA, 2014, p.9).

### **Delineando a Pesquisa**

Retomo nessa etapa, o meu tema de pesquisa que se apropria do objetivo de discutir sobre a contribuição da literatura na formação de leitores na perspectiva de professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Jaguarão/ RS. Nesta perspectiva, através de uma pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas estruturadas com as professoras titulares das turmas do berçário, maternal e pré-escola a fim de perceber de que maneira exploram a literatura em seus cotidianos junto às crianças, e quais os possíveis benefícios que consideram a partir da inclusão da literatura no começo da vida escolar.

A forma selecionada para escolher a escola foi que a mesma deveria atender todos os níveis, crianças com idade entre 0 a 5 anos e 11 meses, ou seja, creche I e II e

Pré I. Além desse critério, deveria haver um grupo de PIBID<sup>1</sup>, pois o mesmo desenvolve um trabalho que vincula o letramento e a Educação Infantil.

A metodologia utilizada foi a análise qualitativa, pois através dela é possível obter mais dados, além de compreender e colocar-se no lugar do outro percebendo ou não o que está implícito na sua subjetividade.

A entrevista nos permite perceber o que está ao nosso redor e que muitas vezes não nos foi dito, mas que está exposto para quem quiser ver ou que tenha a capacidade de enxergar além do proposto. No entanto, como afirma Minayo (2012)

Também é preciso saber que a experiência de uma pessoa ocorre no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. Toda a compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos (MINAYO, 2012, p. 623).

As entrevistas estruturadas foram elaboradas mediante a perguntas que foram previamente pensadas a fim de que todas as entrevistadas respondessem as mesmas perguntas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas, as quais devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas, afirmam Boni & Quaresma (2005).

Foram realizadas entrevistas com três professoras de uma EMEI de Jaguarão/RS. As entrevistas foram gravadas, e ocorreram na própria escola com a devida autorização da diretora. Todas as professoras foram solícitas a minha pesquisa, colocando-se inteiramente à disposição para responder aos meus questionamentos. Apresento alguns dados que caracterizam as professoras entrevistadas:

**Professora A:** formada em Pedagogia, trabalha há 13 anos na educação infantil. Atualmente, atua na creche I, e atende crianças de 8 meses a 1 ano e 6 meses.

**Professora B:** sua única formação é no magistério, trabalha há 3 anos na área, e atualmente, atende uma turma de creche II com crianças de 2 a 3 anos.

---

<sup>1</sup> O PIBID Pedagogia é um dos sub-projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, e é coordenado pela professora Patrícia Moura.

**Professora C:** tem formação no magistério, formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS, tem pós-graduação em Educação Especial e Educação Inclusiva, e uma capacitação em teoria e prática na educação infantil e educação especial. Trabalha e atua na área há 4 anos, e atualmente, atende uma turma de Pré I com crianças de 3 a 4 anos.

As perguntas realizadas com as professoras entrevistadas foram:

1. Gostaria de saber se você utiliza livros de literatura infantil com as crianças?
2. Quais livros de literatura infantil costuma utilizar? Os livros são da EMEI?
3. Em quais momentos utiliza a leitura com os seus alunos?
4. Como você planeja no cotidiano os momentos de leitura? Em quais momentos e espaços?
5. Com quais finalidades os livros de literatura infantil são utilizados em sala de aula?
6. Quais as leituras e/ou livros as crianças preferem?
7. Você acredita que a literatura infantil poderá contribuir para a formação de leitores?
8. De que forma(s) você acha que poderá contribuir para a formação de leitores através da literatura?
9. Qual a contribuição do PIBID na sua turma?

**Quadro:** Perguntas da entrevista

**Fonte:** Elaboração da pesquisadora, 2016.

Após esta contextualização, na próxima seção apresento alguns aspectos que fui percebendo ao longo da leitura e tabulação das entrevistas que realizei com as professoras. Muitos aspectos chamaram a atenção no que diz respeito a contribuição da literatura.

## **Análise das entrevistas: a contribuição da literatura infantil na formação de leitores**

Ao realizar as entrevistas foi possível perceber a compreensão que tinham sobre a contribuição da literatura infantil na formação de leitores a partir do que apresentaram em suas falas.

Sobre a utilização dos livros de literatura no cotidiano as professoras responderam que utilizam os livros com as crianças, e que tanto são da biblioteca da escola quanto do seu acervo particular. Sobre quais livros costumam usar as **professoras A e B** disseram utilizar os livros que tem sons, texturas, emborrachados, figuras grandes e poucas páginas. Sobre os livros preferidos pela turma os da **professora A** preferem os mais barulhentos, e os da **professora B** os livros com formato de animais, sons e texturas. Sendo assim, segundo Santana e Brandão (2016) afirmam que:

[...] os livros com as narrativas visuais podem constituir-se em ferramentas para estimular o interesse das crianças pelos livros e pela leitura. Como sabemos, as imagens atraem os pequenos antes do texto escrito possibilitando, assim, que eles construam suas próprias histórias, ampliando sua capacidade de expressão verbal. Como já afirmamos aqui, o contato com livros de imagem esteticamente bem construídos certamente também favorece o desenvolvimento de um olhar mais atento e crítico em relação ao que veem no mundo (SANTANA e BRANDÃO, 2016, p.4).

A **professora C** disse que utiliza muito os livros clássicos, dentre eles os que julga não poderem faltar, como: "Branca de Neve", "Chapeuzinho Vermelho", "Menina Bonita do laço de fita", "Pinóquio", e "Cabelos de Lele". Ressalta também que os preferidos pelos alunos são os clássicos Contos de Fada, e a história "O grande Rabanete" do Projeto Trilhas<sup>2</sup>, e que se fosse pelos alunos este último seria lido sempre.

---

<sup>2</sup> O projeto TRILHAS é uma iniciativa de formação docente que apoia o trabalho de professores com alfabetização por meio de um conjunto de materiais elaborados para instrumentalizar e apoiar o trabalho do professor no campo da leitura, escrita e oralidade. No kit TRILHAS, há cadernos de orientação do professor e de indicações literárias, jogos de linguagem e cartelas para atividades, todos com a intenção de inserir as crianças no universo letrado. Site: <http://www.institutonatura.org.br/iniciativa/trilhas/>

O grande prazer em ouvir contos de fadas é que mesmo passando por diversas dificuldades o bem sempre vence, o amor prevalece e a solução para os problemas são sempre encontradas, isso faz com que tenhamos esperança em dias melhores e que os problemas chegam ao fim além da simplicidade de onde acontecem os fatos. Abramovich (1995) explica o porquê:

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu [...] Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar [...] Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde tem que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e achar junto uma resposta sua para o conflito [...] Porque todo esse processo e vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sabias...) (ABRAMOVICH, 1995, p. 120).

Quando paramos para nos questionar sobre o porquê que as crianças gostam que se leia sempre a mesma história muitas vezes não sabemos dizer o porquê deste fato, levantamos hipóteses, mas certezas não temos. Abramovich (1995) afirma que em muitos casos a criança pode estar atravessando algum momento difícil ou conturbado em sua vida, ou até mesmo estar se interessando pelo assunto abordado, e isso acontece devido as múltiplas infâncias que existem dentro de uma sala, e que o professor precisa estar preparado para enfrentar. A autora ainda diz que

Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança [...] Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra a frente, se envolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento a tudo o que acontece [...] (há temas datados, que pela própria evolução dos costumes que deixaram de ser polêmicos, pois, dum jeito ou de outro, a civilização os integrou [...] há outros que estão surgindo devagarzinho, há outros efervescentes, sobre os quais o momento de falar urge e se impõe). (ABRAMOVICH, 1995, p. 99-100).

Quando questionadas sobre os momentos que utilizam a leitura, percebi que varia muito de acordo com a rotina estabelecida por cada uma das professoras. A **professora A** disse que as vezes não é possível ler alguma história por se tratarem de crianças muito pequenas. Afirmou que nem sempre é possível manter o planejamento

por algum motivo, como por exemplo: as crianças estarem agitadas demais, chorando ou querendo dormir. Sobre o planejamento Ostetto (2000) diz que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. [...] é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção (Idem, p. 192).

Já a **professora B** disse que a leitura diária faz parte do fim pedagógico que ela deseja atingir com o seu planejamento. Nesse sentido, todas as atividades e o desenvolvimento da aula se dá a partir da leitura selecionada. Nessa mesma perspectiva, a **professora C** disse não gostar de “nada muito solto”, que “ler simplesmente por ler não dá”, no caso dela sempre tem um objetivo a ser alcançado.

Acredito que não exista uma história que lemos simplesmente por ler, para passar o tempo, de certa maneira a leitura sempre nos toca, nos faz pensar sobre algum assunto, repensar atitudes, rejeitar ou até mesmo viajar através das palavras. Isso acontece também com as crianças, as fazendo imaginar, pensar ou lembrar-se de algum fato. De acordo com José (2017)

Bons leitores também são artistas. Artistas recebedores, participantes, recriadores do texto. Eles buscam nos textos outras vivências, comparam com as suas, enriquecendo-as. Eles enriquecem o jogo, acrescentam sonhos aos sonhos. Mistérios aos mistérios. Completam, modificam o que lhe foi proposto. (JOSÉ, 2007, p.20).

Percebi que os livros são sempre escolhidos pelas professoras com o intuito de articularem suas aulas com base no texto lido. No entanto, penso como futura pedagoga, e aqui não estou julgando como certo ou errado apenas me posicionando frente ao tema, que poderiam propor uma conversa sobre a história a partir dos questionamentos das crianças. Seria interessante que elas pudessem conduzir o assunto pautado na história. Seria uma outra possibilidade, que não foi apresentada pelas professoras entrevistadas, mas que acredito o quanto poderia ser produtivo, até mesmo para que percebêssemos as demandas da turma. Com isso,

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se pergunta, questionar [...] Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...] E isso não sendo feito uma vez ao ano [...] Mas, fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente [...] o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVIVH, 1995, p. 143).

Quando foi perguntado às professoras sobre as finalidades que os livros de literatura são utilizados com as crianças, e de que forma planejam os momentos de leitura em seu cotidiano, todas foram bem objetivas dizendo que a leitura é sempre utilizada com um fim pedagógico, e exploram os livros na sala de aula colocando tapetes no chão ou distribuindo entre as crianças para manusearem no berço, como no caso da **professora A**.

As **professoras B e C** além do tapete em sala de aula também levam os alunos para explorarem a biblioteca, e segundo a **professora B** “como eles são pequenos, estão na fase de descobertas, ficam bem empolgados de terem esse contato com os livros”.

Refletindo sobre esse relato da **professora B**, não são apenas as crianças que se empolgam ao entrarem em uma biblioteca, nós adultos também. É incrível olhar para aqueles livros e pensar como existem várias descobertas a serem feitas pelos leitores, e falo isso pensando não somente nas crianças, mas também em nós adultos porque estamos em processo de formação de leitores, em constante construção. Segundo José (2007)

Além de ler para o prazer, a gente lê para saber, para conhecer a realidade, para conhecer o outro e a nós mesmos. [...] A palavra LIVRO se aproxima gráfica, sonora e semanticamente da palavra LIVRE. Nada mais livre que o livro. Ler para SABER e se libertar. (JOSÉ, 2007, p.21).

Durante a realização das entrevistas, a resposta das últimas perguntas me chamaram a atenção, tanto que resolvi analisar e dar uma atenção mais detalhada às respostas de cada uma, separadamente. Quando perguntei se acreditava que a literatura poderia contribuir para a formação de leitores, responderam:

<b>Professora A</b>	“sim porque ajuda eles a pegarem o hábito da leitura e também de
---------------------	--

	cuidar dos livros. Quando tem atividades de rasgar livros as crianças tem resistência, pois não gostam de estragar os mesmos”.
<b>Professora B</b>	“o papel do professor é ‘plantar a sementinha’ cedo e iniciando cedo é o que faz a diferença, pois desperta o interesse nas crianças”.
<b>Professora C</b>	“o incentivo à leitura deve ser feito durante a gestação, pois ao contar uma história de ninar, uma música, apresentar o livro à criança ela começa a gostar, caso contrário não tem como despertar o interesse pela leitura se ela não for apresentada para a criança”.

Nas respostas acima fiquei pensando a respeito do termo utilizado pela **professora A**, “pegarem o hábito”. Será esta a melhor maneira de incentivar as crianças pelo gosto da leitura? Ficou-me implícito que seria como piscar os olhos, respirar ou escovar os dentes, tudo feito automaticamente sem precisar de muitos motivos para que os faça, pois é praticamente óbvio.

Entretanto, as **professoras B e C** defendem que é desde cedo que temos que motivar e apresentar as crianças a esse mundo de descobertas para que assim descubram os benefícios que a leitura proporciona e a magia escondida por trás de um livro, ou seja, devemos “[...] enfim, a deglutir e a enxergar o livro como um todo e o todo do livro” (ABRAMOVICH, 1995, p.146).

Com relação as estratégias utilizadas para contribuir para a formação de leitores através da literatura, responderam:

<b>Professora A</b>	“deixando a leitura prazerosa, lúdica, utilizando fantoches, pintura nos dedos dela quanto nos dos alunos e/ou lacinhos”.
<b>Professora B</b>	“tornando a leitura agradável, abrasiva e lúdica”.
<b>Professora C</b>	“desenvolver a oralidade, a expressão, o vocabulário e a criticidade dos alunos ao discutirem sobre a história”.

As professoras demonstraram que procuram tornar o momento da leitura mais interessante e motivador. De acordo com Abramovich (1995)



[...] há tanto o que analisar, o que discutir, o que fazer a criança perceber, opinar criticamente. Em relação a história: se boa, se interessante, se palpitante, se boba etc. E a ideia do autor? Nova, batida, já lida outras vezes em outros livros? Esse autor repete suas ideias, seus temas, ou inventa novos, se atreve a caminhar por outros assuntos, por outras questões? (ABRAMOVICH, 1995, p. 144).

### **Considerações finais**

Durante a execução desse trabalho, dialogando com os autores, pude constatar sobre o quanto a literatura é importante não só no processo de formação de leitores como no desenvolvimento cognitivo das crianças, na expressão, oralidade, e pensamento crítico. Também percebi que devemos utilizá-la não apenas com fins pedagógicos, mas propor dinâmicas às crianças voltadas ao uso dos livros para motivá-las a conhecerem esse instrumento, e mostrar que também pode ser divertido explorá-lo.

A leitura está em todo lugar, sejam elas com letras, desenhos, símbolos, cores, formatos, etc., a todo o momento estamos realizando o ato da leitura, e com as crianças não é diferente dependendo da idade e/ou nível escolar em que se encontra a leitura servirá para mediar alguma coisa que elas querem ou que queremos ensiná-las, como por exemplo: se sairmos com uma turma e mostrarmos o semáforo, e explicarmos o que cada cor significa estamos lhes ensinando a fazer uma leitura de símbolos e cores; se mostrarmos um céu escuro e estrelado estamos lhes ensinando que é noite, e não precisa estar escrito para ser uma leitura; enfim, o ato de ler está constantemente em nossas vidas, e nada melhor do que deixarmos as crianças se aventurarem em grandes histórias infantis, através das quais a imaginação toma conta, e a liberdade de ir a qualquer lugar é garantida.

Por fim, a satisfação em saber sobre todos os benefícios proporcionados pela leitura é muito grande, pois consigo entender com mais clareza o porquê do meu grande fascínio com os livros e que hoje transmito ao meu filho e as crianças com as quais convivo. Muito brevemente espero poder incentivar vários alunos a descobrirem essa mesma magia e encanto que esta por trás de cada exemplar, pois

Somos capazes de sentir no texto os cheiros, os gostos, os sons, as cores e as formas do mundo, tocadas pela magia das palavras. (JOSÉ, 2007, p.20).

## Referências

- ABRAMOVICH, Fanny: **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. Editora Scipione, 1995. p.174
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.
- CARDOSO, Beatriz; SEPÚLVEDA, Angélica;. Apresentação. *In*: BRASIL. **Literatura na Educação Infantil**: Acervos, Espaços e Mediações, 2014.
- BONI & QUARESMA, Valdete & Sílvia: **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências e Sociais**. *Revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 nº 1 (3), 2005, p. 68-80.
- FREIBERGER, Rita de Cássia Castiglia: **A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares**. Ed. Porto Alegre, 2010.
- GREGORIN FILHO, Jose Nicolau: **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**/ Jose Nicolau Gregorin Filho- São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2009.
- JOSÉ, Elias: **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 116p.
- LAJOLO, Marisa: **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. Ed. Ática, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ed. Ciência & Saúde Coletiva, 2012.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade, a criança em foco. *In*: **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de: **Educação Infantil: fundamentos e métodos**/ Zilma Ramos de Oliveira. – 3ed.- São Paulo: Cortez, 2007.- (coleção docência em formação).
- PEREIRA, Rachel Freitas. As políticas de atendimento à pequena infância no Brasil a partir da década de 1930: entre avanços e retrocessos. *In*: LOCKMANN, Kamila (org.). **Infância(s), Educação e Governo**. Rio Grande: Editora da Furg, 2013.
- SCHEFFER, Cristiane Sebastião: **A literatura no contexto da educação infantil**, 2010.

SANTANA, Fabiana Andrade de; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. Como crianças leem livros de imagem? **Revista Inter Ação**, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 165-188, maio 2016. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/36431>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

ZILBERMAN, Regina: A Literatura Infantil na Escola/ Regina Zilbermann.- 11 ed. Ver., atual. E ampl.- São Paulo: Global, 2003.